

# BOAS PRÁTICAS



## O hábito de cometer fraudes

Pesquisadores japoneses se destacam em lista de cientistas com maior número de artigos retratados

O Japão se destacou em um ranking de má conduta científica – o dos 10 pesquisadores do mundo com maior número de artigos retratados – no qual detém a metade dos casos. Segundo um levantamento feito pelo site Retraction Watch, o primeiro nome dessa lista é o do anesthesiologista Yoshitaka Fujii, pesquisador da Universidade Toho. Ele alcançou o recorde de 183 artigos retratados, depois de uma investigação, concluída em 2012, constatar que ele publicou *papers* com dados fabricados ao longo de quase duas décadas. O também anesthesiologista Yuhji Saitoh, do Hospital Geral Kureha, em Fukushima, coautor de vários artigos com Fujii, aparece em 8º lugar no ranking, com 39 retratações, empatado com o endocrinologista Shigeaki Kato, pesquisador da Universidade de Tóquio até 2012, cujos *papers* tinham diversas imagens manipuladas – quando começou a ser investigado, Kato ordenou que seus assistentes apagassem provas de seus computadores.

Um escândalo recente colocou no ranking mais dois pesquisadores nipônicos: Yoshihiro Sato, com 43 retratações, e Jun Iwamoto, com 39. Sato, um neurologista do Hospital Mitate, da cidadezinha

de Tagawa, adulterou 33 ensaios clínicos ao longo de 15 anos, na maioria sobre tratamentos capazes de prevenir fraturas ósseas em idosos e em pacientes com mal de Parkinson. Havia tempo que ele despertava suspeitas em colegas de outros países por descrever em seus artigos resultados muito eloquentes sobre a eficácia de vitaminas e pela rapidez com que arregimentava voluntários para suas pesquisas clínicas – em um dos casos, conseguiu reunir mais de 500 pacientes em um vilarejo em apenas dois meses.

Evidências inequívocas contra o pesquisador foram encontradas por um grupo de médicos e estatísticos da Escócia e da Nova Zelândia. Eles demonstraram que as características dos grupos de pacientes de diferentes ensaios feitos por Sato eram muito parecidas – o que seria impossível de acontecer acidentalmente –, encontraram várias incongruências estatísticas e constataram que os resultados eram muito mais expressivos que os observados em outros testes clínicos com as mesmas terapias. “O grupo de Sato era extraordinariamente produtivo e se notabilizava por chegar a conclusões notavelmente positivas”, disse o médico Mark Bolland, pesquisador da Universidade

# Campeões de má conduta

Os 10 autores com mais artigos científicos retratados, de acordo com o site Retraction Watch

<b>País</b> <b>Área</b>	<b>YOSHITAKA FUJII</b> Japão Medicina / anestesiologia	<b>JOACHIM BOLDT</b> Alemanha Medicina / anestesiologia	<b>DIEDERIK STAPEL</b> Holanda Psicologia social	<b>ADRIAN MAXIM</b> Estados Unidos Engenharia elétrica	<b>CHEN-YUAN CHEN</b> Taiwan Ciência da computação
<b>Retratações</b>	<b>183</b>	<b>96</b>	<b>58</b>	<b>48</b>	<b>48</b>
<b>Tipo de má conduta</b>	Fabricação de dados, desrespeito de normas éticas em ensaios clínicos	Fabricação de dados, ensaios clínicos realizados sem aprovação, coautoria forjada	Fabricação e manipulação de dados	Fabricação de dados e falsificação de imagens, coautoria forjada	Fraude na revisão por pares
<b>País</b> <b>Área</b>	<b>YOSHIHIRO SATO</b> Japão Medicina / neurologia	<b>HUA ZHONG</b> China Química	<b>SHIGEAKI KATO</b> Japão Medicina/ endocrinologia	<b>JUN IWAMOTO</b> Japão Medicina esportiva	<b>YUHI SAITOH</b> Japão Medicina / anestesiologia
<b>Retratações</b>	<b>43</b>	<b>41</b>	<b>39</b>	<b>39</b>	<b>39</b>
<b>Tipo de má conduta</b>	Fabricação e falsificação de dados, coautoria forjada	Fabricação de dados e imagens	Fabricação de dados e falsificação de imagens	Fabricação e falsificação de dados, coautoria forjada	Fabricação de dados

de Auckland, na Nova Zelândia, ao publicar as conclusões sobre o caráter fraudulento das pesquisas do japonês na revista *Neurology* em dezembro de 2016. O periódico, editado pela Academia Americana de Neurologia, retratou três artigos de Sato. Entre os prejuízos causados pela falsificação, Bolland enumerou o desperdício de recursos em novos ensaios para tentar reproduzir os achados do neurologista e a crença exagerada no poder de vitaminas para combater a osteoporose – as diretrizes de prevenção da doença no Japão, por exemplo, foram influenciadas por Sato.

## MORTE

Permanecem misteriosos os motivos que levaram Yoshihiro Sato a se tornar um fraudador contumaz, pois ele morreu em janeiro de 2017, durante o curso das investigações. Uma reportagem recente da revista *Science* levanta a possibilidade de que a morte não tenha sido natural, como se noticiou. Sato dava sinais de problemas psiquiátricos e teria se suicidado, disse à *Science* o advogado de seu colaborador Jun Iwamoto, especialista em medicina esportiva da Universidade Keio, em Tóquio. Iwamoto, que é membro do Conselho da Sociedade de Osteoporose do Japão,

diz que não participou diretamente das pesquisas que resultaram na retratação dos 39 artigos atribuídos a ele, mas admitiu que mantinha um acordo com Sato por meio do qual os dois assinavam em conjunto artigos feitos por seus grupos, em uma estratégia irregular de inflar o desempenho acadêmico de ambos. Três meses antes de morrer, Sato assumiu a responsabilidade sobre as fraudes, pediu a retratação de alguns de seus artigos e isentou de culpa os colaboradores, admitindo que assinaram os artigos sem que tivessem contribuído para eles.

Além da incidência elevada de fraudes em série, sua concentração na pesquisa biomédica também é uma característica japonesa. O restante do ranking do Retraction Watch é composto por pesquisadores de disciplinas e de países diversos: um anestesista alemão, um psicólogo holandês, um engenheiro eletricitista norte-americano, um cientista da computação de Taiwan e um químico chinês. Se há um traço comum entre os fraudadores é o gênero: são todos homens. “Isso corrobora os achados de uma pesquisa feita em 2013, segundo a qual há uma tendência entre pesquisadores do sexo masculino

de ter artigos retratados por fraude”, observou o Retraction Watch, na apresentação do ranking.

Michiie Sakamoto, que investiga a produção científica de Jun Iwamoto na Universidade Keio, afirmou à *Science* que o respeito à hierarquia é uma característica exacerbada no ambiente acadêmico japonês e está na raiz das fraudes em série. “No Japão, ninguém duvida da palavra de um professor”, disse. “Nós acreditamos nas pessoas e achamos que não é necessário criar regras rígidas e observá-las.” O resultado, ele explica, é que os fraudadores só foram contestados quando já estavam há muito tempo em atividade. No caso de Sato, a demora em constatar a fabricação teve outros ingredientes. Em 2003, ele publicou um artigo baseado em um estudo com 40 pacientes com uma doença muito rara que teriam sido atendidos ao longo de três anos. Um neurologista do Reino Unido enviou uma carta à revista, dizendo-se surpreso com a grande quantidade de portadores de uma moléstia que ele havia visto apenas duas vezes na vida, mas atribuindo o fenômeno a uma provável prevalência anômala da enfermidade na população japonesa. ■ **Fabrcio Marques**

## Publique ou pereça

A revista científica de acesso aberto *Nutrients* perdeu todos os seus 10 editores seniores, que renunciaram aos postos em protesto contra a pressão para publicar artigos que consideravam de baixa qualidade. O periódico foi criado em 2009 pela Multidisciplinary Digital Publishing Institute (MDPI), empresa baseada na Suíça com um portfólio de 237 publicações técnicas e científicas. A renúncia coletiva resultou de um conflito entre a empresa e o editor-chefe da *Nutrients*, Jonathan Buckley, pesquisador em nutrição e fisiologia do exercício da Universidade do Sul da Austrália, em Adelaide. Em agosto, ele recebeu um e-mail da MDPI comunicando sua substituição no comando da revista a partir de 2019 por alguém que trouxesse “ideias novas” para a publicação. Para Buckley, que renunciou prontamente, o episódio foi o ponto final de um desentendimento acerca de uma política rigorosa para aceitar artigos: sob sua gestão, a taxa de rejeição de manuscritos submetidos à revista subiu de 55% para 70%, o que ajudou a elevar seu fator de impacto, inferior a 1 em 2011, para os atuais 4,7.

O presidente da MDPI, Franck Vasquez, classificou a estratégia de Buckley como “artificial” e exageradamente centrada no aumento do fator de impacto. “Quando um artigo é robusto e útil para pesquisadores, ele deve ser publicado, mesmo que os resultados não tragam uma novidade”, disse à revista *Science*. A estratégia restritiva de Buckley, embora renda prestígio para a publicação, não colabora com o desempenho financeiro da empresa. Os autores de cada artigo selecionado pagam uma taxa de US\$ 1,8 mil à MDPI – quanto mais *papers* publicados, maior o faturamento. Lynda Williams, pesquisadora da Universidade de Aberdeen, no Reino Unido, e



uma das editoras que renunciou, diz que a empresa tem uma visão equivocada, capaz de comprometer o esforço para dar prestígio à publicação e atrair bons artigos científicos. Vasquez rejeita essa avaliação e diz que outras publicações da MDPI conseguiram ampliar o fator de impacto aumentando o número de artigos.

Em 2014, as revistas da MDPI chegaram a ser incluídas em uma

relação de publicações predatórias, aquelas que publicam *papers* sem qualidade, cobrando por isso. Mas a empresa apelou ao responsável pelo índice, o bibliotecário Jeffrey Beall, da Universidade do Colorado, e deixou de figurar na lista no ano seguinte. O mercado das publicações comerciais de acesso aberto tem perspectivas de expansão. No mês passado, 11 países europeus anunciaram que, a partir de 2020, só apoiarão projetos de pesquisadores que aceitem divulgar seus trabalhos em revistas de acesso aberto. A iniciativa foi coordenada pela Science Europe, composta por instituições de fomento como a Agência Nacional de Pesquisa da França (ANR) e a recém-criada UK Research and Innovation, do Reino Unido. Segundo o grupo, não será mais admitida sequer a publicação de artigos em revistas híbridas, aquelas que vivem de assinaturas mas cobram uma taxa extra para que artigos sejam prontamente disponibilizados na web.

## Conflito de interesses derruba diretor de hospital de pesquisa

O oncologista José Baselga, diretor médico do Memorial Sloan Kettering Cancer Center, em Nova York, deixou o cargo depois de reconhecer que omitiu ligações com empresas farmacêuticas e de biotecnologia em dezenas de artigos científicos de sua autoria. Regras que preveem a divulgação desse tipo de informação em *papers* foram criadas pela Associação Americana de Pesquisa sobre o Câncer quando o próprio Baselga era seu presidente. Desde 2014, ele recebeu mais de US\$ 3 milhões da farmacêutica Roche em honorários de consultoria e por sua participação em uma empresa afiliada. Também

participava do conselho das companhias Bristol-Myers Squibb e Varian Medical Systems.

Uma investigação feita pelo diário *The New York Times* e a organização jornalística sem fins lucrativos *ProPublica* mostrou que Baselga deixou de informar o conflito de interesses em 60% dos 180 artigos científicos que assinou desde 2013. Em entrevista concedida após a renúncia, o médico disse que as omissões não foram intencionais e que planejava corrigi-las em pelo menos 17 artigos científicos, alguns deles publicados em revistas de grande impacto, como *The Lancet* e *The New England Journal of Medicine*.